

10

Educação Semipresencial: “Espaços e Tempos Complementares?”

Silvana Corbellini ¹

Luciane Corte Real ²

Resumo

Esta investigação é um estudo de caso de uma disciplina semipresencial em uma Universidade Pública. Utilizou-se o Moodle e a sala presencial. O problema de pesquisa era: “como os alunos conseguiram se apropriar desses ambientes e quais as correlações que constituíram nesta dupla modalidade?”. O objetivo foi escutar os alunos nas suas dificuldades e facilidades visando fomentar a cooperação, referenciando-nos na Epistemologia Genética. Foram analisados registros das aulas e questionários, levantando-se categorias e submetendo-as a Análise de Conteúdo (Bardin). Concluiu-se que o uso concomitante das modalidades presencial e virtual pode atuar como agente facilitador no processo de ensino-aprendizagem.

Abstract

This investigation is a case study of a semipresential discipline in a public university. It was used the Moodle and the presential room. The research question was: “how students managed to appropriate these environments and the correlations that constituted this dual modality?”. The goal was to listen to the students in their difficulties and facilities in order to foster cooperation, referencing the Genetic Epistemology. Records of lessons and quizzes were analyzed, rising categories and submitting them to content analysis (Bardin). It was concluded that the concomitant use of modalities presential and virtual can act as a facilitator in the process of teaching and learning..

Keywords:

¹ Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre – RS – Brasil - silvanacorbellini@gmail.com.br

² Faculdade de Educação – Universidade Federal do Rio grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre – RS -Brasil - lucreal@gmail.com

1. Apresentação

Propostas direcionadas ao processo ensino-aprendizagem, atualmente, são desafios na aprendizagem tanto de alunos quanto de professores. A necessidade de responder às novas problemáticas que vêm surgindo como, por exemplo: a globalização do conhecimento, o uso das tecnologias na educação, as práticas pedagógicas relacionadas às tecnologias, entre outras, faz parte da educação nas modalidades presencial, à distância (EAD) e semipresencial. Em cada uma dessas, diferentes contornos são requeridos, pois cada qual apresenta especificidades.

Várias pesquisas vêm sendo desenvolvidas sobre novas propostas em educação utilizando os ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs). Cordenonsi et al. (2011) problematizam o apoio de ambiente virtual em curso presencial de ensino-aprendizagem de formação de professores para o ensino profissional e tecnológico e verificaram o aumento significativo da frequência de usabilidade e diversidade das tecnologias educacionais em rede, disponíveis no Moodle na modalidade presencial.

Franco, Cordeiro e Castillo (2003) refletem sobre a incorporação de ambientes virtuais de aprendizagem à educação presencial e apontam que esses ambientes podem ser agregados de várias formas no cotidiano acadêmico de alunos e professores e, para que isto aconteça, propõem uma formação dos integrantes do processo para que obtenham o conhecimento necessário para o uso. Já, Silva, Teixeira e Mallagi (2009) delimitam um sistema didático por Projetos que, utilize-se das tecnologias, na abertura de novas potencialidades para o processo educativo. Outros pesquisadores, tais quais Schäfer, Lacerda e Fagundes (2009) preocupam-se em tornar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) um espaço colaborativo e cooperativo. Essas autoras discutem formas e métodos de escrita colaborativa, suportada por recursos da tecnologia informática, disponíveis online, como um espaço de interlocução de alunos e professores. Examinam ferramentas para a construção do conhecimento em rede, a partir do compartilhamento da escrita. Real e Corbellini (2011) também trabalham a cooperação a partir da Epistemologia Genética, na interação de alunos, em um Trabalho de Conclusão de Curso realizado em wikis.

Neste artigo, apresentamos um estudo de caso de uma disciplina na modalidade semipresencial. Este

tipo de disciplina é orientado pela Portaria 4.059 – MEC que caracteriza essa modalidade como quaisquer atividades didáticas, módulos ou unidades de ensino-aprendizagem. Essa portaria aponta para a autoaprendizagem e a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação, que usem tecnologias de comunicação remota.

2. Metodologia: da estratégia de pesquisa às categorias de análise

Trata-se de uma pesquisa qualitativa na forma de estudo de caso de uma turma de graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O problema do estudo foi avaliar: “como os alunos se apropriaram dos ambientes de sala de aula e do Moodle na proposta semipresencial da disciplina?” O sub-problema foi: “como ocorreu a cooperação no ambiente virtual de aprendizagem?”.

Os espaços utilizados foram o espaço físico e o espaço virtual, isto é, a sala de aula convencional e o ambiente virtual de aprendizagem (Moodle). A disciplina na qual se desenvolveu a investigação pertence à área da Psicologia e é direcionada para os cursos de Graduação de Licenciaturas. A turma estudada era composta por 37 alunos, o professor e o tutor. As aulas tinham frequência semanal e duração de um semestre. As aulas presenciais e virtuais ocorreram concomitantemente, sendo que o ambiente foi estruturado para servir de suporte e propiciar maior interação entre os integrantes, estimulando-se a cooperação em ambos.

O ambiente foi organizado no início do semestre, com todo o cronograma. As aulas eram “abertas” a cada semana e continham materiais e orientações, independentemente de serem ministradas de forma presencial ou à distância. O ambiente foi utilizado como ferramenta de interação e apoio na organização da disciplina. Os alunos que não comparecessem a alguma aula presencial, tinham no AVA todas as condições para o acompanhamento da disciplina. Foram disponibilizados recursos interativos, como fórum, com o objetivo de ser um espaço de socialização (Corbellini e Real, 2008), wikis, fóruns temáticos de discussões; bem como para compartilhar materiais, vídeos, sugestões e comentários que pudessem contribuir com a disciplina. A presente investigação foi alicerçada na Epistemologia Genética.

Foi elaborado um questionário que buscava conhecer

as diversas acepções dos alunos em relação à modalidade semipresencial, para refletir sobre a vivência do grupo. O questionário foi aplicado no final do semestre, após a disciplina ter sido encerrada. A participação era livre e o aluno não precisava se identificar. O instrumento constava de dez questões e do Consentimento Livre e Esclarecido para fins de pesquisa.

Foram analisadas as interações no AVA, os conteúdos postados, os questionários respondidos pelos alunos e os registros das aulas presenciais realizadas pelo professor e tutor na forma de diário de campo.

A análise dos dados foi elaborada com base na Análise de Conteúdo de Bardin (1988), construindo-se categorias a priori e a posteriori. Com estes parâmetros construiu-se essa reflexão visando responder ao problema de pesquisa na forma de estudo de caso. Foram levantadas quatro categorias (1. Materiais do AVA, 2. Interações no AVA, 3. Cooperação no AVA, 4. Aulas Presenciais e Aulas Virtuais) e subcategorias. Neste artigo é exemplificado uma categoria, mas entretanto a análise foi realizada a partir das quatro categorias:

Categoria 2: Interações no AVA

Nesta categoria foram enquadrados todos os tipos de interações entre os componentes que ocorreram no Moodle.

Subcategorias:

2.1 Alunos x Alunos

2.2 Alunos x Professor

2.3 Alunos x Tutor

3. Reflexões sobre o percurso: considerações nem tão finais...

Observou-se, inicialmente, por meio de conversas em aulas presenciais, que havia dificuldades para acessar o ambiente e, essas, como foram detectadas, eram causadas pelo desconhecimento em relação ao AVA. Desta maneira, os espaços interativos (fóruns e wiki) que foram propostos no AVA, inicialmente, obtiveram pouca participação. Lentamente, conforme a mediação realizada pelos professores, lançando questões nos fóruns, convidando os alunos a participarem, as postagens foram aumentando. As interações eram estimuladas para que ocorressem entre os próprios alunos, visando a promover um ambiente cooperativo, no qual todos se sentissem em liberdade de perguntar, trocar, postar materiais, indicar bibliografias, etc.

A instauração de um nível cooperativo nas relações é um desafio. É preciso partir da premissa que os alunos, e também os professores, tenham alcançado um nível que torne possível ocorrerem trocas cooperativas. Mas, o que se pode perceber, ao longo da prática relatada e de investigações anteriores (Corbellini e Real, 2008, 2011, 2011a), é do quanto realmente é um “processo” (grifo das autoras). Processo este, contínuo e permanente, em que o professor tem a função primordial de estimular, auxiliar o aluno em suas construções e ser ele também um aprendente no processo.

Os alunos foram desafiados a trabalhar em grupos, pois, corroborando Piaget (2002), a aprendizagem não é uma atividade individual e o conhecimento ocorre na ação. Conforme o autor, as operações mentais são ações de uma forma interiorizada e coordenada com outras ações do mesmo tipo. Salienta que essas operações necessitam da colaboração e do intercâmbio entre os indivíduos. Neste sentido, traz à tona a importância dos trabalhos em grupos, as pesquisas, o estímulo a autonomia do aluno, expondo que as relações necessitam se alicerçar em respeito mútuo, reciprocidade e cooperação. O autor aponta que a cooperação é uma ferramenta indispensável para a elaboração racional, defendendo o trabalho em grupo nas práticas educacionais como parte do processo ativo do aprendente. Cumpre ressaltar que, com isto, não elimina a diferenciação dos pontos de vista, isto é, afirma que não se trata de homogeneizar, mas sim de colocá-los em reciprocidade (Piaget, 2002).

Outras práticas realizadas pelas autoras (Corbellini e Real, 2008, 2011, 2011a) corroboram a teoria piagetiana e demonstram a importância de se fomentar trabalhos em grupos; bem como propiciar espaços que possibilitem a cooperação entre os integrantes da EAD. Constatou-se nesses trabalhos que esses dispositivos, tais quais, fóruns sociais, pesquisas compartilhadas, textos colaborativos, entre outros, auxiliam no desenvolvimento integral do aluno e considera-se que a cooperação é uma alavanca no processo de ensino-aprendizagem, promovendo novos sujeitos, mais ativos, frente à construção do seu conhecimento. O grupo possibilita rupturas e (re)construções de novos papéis; o que implica no pré-requisito de que haja um clima de confiança e respeito entre os membros. Assim, aponta-se para a necessidade de um ambiente em que os componentes se sintam em liberdade para

expressar seus pensamentos, afetos e percepções.

Atualmente, o ensinar e o aprender não se limitam ao trabalho dentro da sala de aula. Implicam sim, transformar a prática, tanto no presencial, quanto no virtual, organizando ações que possibilitem a continuidade do aprendizado. Neste sentido, o mundo virtual, seja por meio dos AVAs, acesso às páginas na internet, pesquisas de textos, trocas de mensagens, debates em fóruns online, lista de discussões e divulgação de projetos e pesquisas, tornou-se uma fonte de recursos inesgotáveis para a aprendizagem. Apontamos que cada ambiente possui as suas especificidades e, não são excludentes, muito pelo contrário, o tipo de retorno imediato ou não, síncrono ou assíncrono, a comunicação mediada ou não, o tipo de interação que cada um proporciona, pode, por meio de uma prática pedagógica refletida, cuidada, cooperativa, engrandecer o processo de ensino-aprendizagem.

Finalizando, o que se pode refletir sobre essa experiência ampliou questões sobre a prática pedagógica e a inserção da cooperação nos ambientes virtuais de aprendizagem; e serve como uma bússola para as próximas disciplinas na modalidade semipresencial, bem como nas outras modalidades.

Referências

CORBELLINI, S. **Cooperação**: uma alavanca no processo de ensino-aprendizagem na educação a distância. *RENOTE*. Revista Novas Tecnologias na Educação (UFRGS, online), v. 9, N° 2, 2011.

CORBELLINI, S. e Real, L. C._____. (2011). **Proposta Cooperativa em Curso de Graduação a Distância Construída em Wikis**. In: VI Conferência Latinoamericana de Objetos de Aprendizagem y Tecnologias de La Educacion – LACLO 2011. Montevideu: Editora de La Universidad de La República Uruguay, v. 1.

_____. **Proposta de uso de Wiki como Arquitetura Pedagógica**: cooperação. In: XXII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação e XVII Workshop de Informática na Escola (SBIE e WIE), 2011a.

_____. **Café & Cia**: uma proposta de espaço de interações informais em EAD. In: XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Computação, 2008, Belém do Pará. Anais do XXVIII Congresso da Sociedade Brasileira de Computação, p. 406-409.

FRANCO, M. A.; CORDEIRO, L. M.; CATILLO, R. A. F. O ambiente virtual de aprendizagem e sua incorporação na Unicamp. “Educação e Pesquisa”, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 341-353, jul./dez 2003. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v29n2/a11v29n2.pdf> Acessado em: 12.03.2012.

HENRIQUES, C. M. et al. Implicações dos profissionais envolvidos nas práticas pedagógicas em educação a distância. “Revista Paidéi@”, UNIMES VIRTUAL, Volume 1, número 2, dez. 2008. Disponível em: <http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>. Acesso em: 22/09/2011.

MALAGGI, V., TEIXEIRA, A. C., SILVA, J. T. Estabelecendo pontos teóricos de convergência entre Projetos de Ensino-Aprendizagem e Tecnologias Digitais de Rede. “RENOTE”. V. 7, n. 1, 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/13981/7875>. Acessado em: 07/08/2012.

PIAGET, J. Sobre a pedagogia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

_____. . “Para onde vai a educação?” 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

REAL, L. C.; CORBELLINI, S. Proposta Cooperativa em Curso de Graduação a Distância Construída em Wikis. In: “VI Conferência Latinoamericana de Objetos de Aprendizagem y Tecnologias de La Educacion” – LACLO. Montevideú: Editora de La Universidad de La República Uruguay, v. 1, 2011.

SARAIVA, L. M. et al. Tensões que afetam os espaços de educação a distância. “Psicologia em Estudo”. Maringá, v. 11, n. 3, p. 483-491, set./dez 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v11n3/v11n3a03.pdf> acesso em 05/03/2012. Acessado em: 12.03.2012.